

Se alguém vos annunciar outro Evangelho além do que já recebestes, seja anathema.

S. PAU. AOS GALA. I, 9.

A REFORMA

Não creaes a todo o espirito, mas provae se os espiritos são de Deus; porque já muitos falsos prophetas têm vindo ao mundo.

1.º S. JOÃO IV, 1.

Prégai o Evangelho a toda a creatura.

S. MAR. XVI, 15

FOLHA EVANGÉLICA

III ANNO

PORTO, 1 DE ABRIL DE 1880

NUMERO 17

A Igreja

Roma tem sabido harmonisar seus argumentos com o espirito dos seculos.

Em tempos que já se foram, lançava mão do terror, para sustentar suas arrogantes pretensões; hoje, coagida pelas circumstancias, lança ameadas vezes, mão sacrilega das Escripturas.

Confunde, sophisma, mystifica, e, infelizmente, suas mystificações prevalecem, graças á completa ignorancia em assumptos religiosos.

Uma das palavras que mais se tem prestado a indignas mystificações, e que mais tem embaído o espirito popular, é, sem duvida alguma, a palavra—Egreja.

Valendo-se dos sentimentos ternos do coração humano, clamam ao ouvido do povo:—A Egreja é nossa mãe; e o povo, sem mais indagações, curva-se submisso á auctoridade maternal.

Cumpre-nos, pois, arrancar a venda dos olhos de nossos concidadãos, patenteando-lhes mais uma das mystificações do romanismo.

O que é a Egreja?

Eis uma questão vital, importantissima, de que depende inteiramente a sorte do papismo. Este comprehendeu perfeitamente a sua importancia, e tractou de dar uma idéa da Egreja que viesse favorecer seus planos ambiciosos, suas incríveis pretensões.

Muitas e preciosas são as promessas concernentes á Egreja de Christo, pois o Senhor lhe promettera a sua assistencia até á consummação dos seculos.

Convinha-lhe, pois, apropriar-se d'estas ricas promessas, e, baseada n'ellas, exigir, em nome da infallibilidade, obediencia implicita a todas as suas imposições.

Com effeito, se Roma assim não fizesse, como enganar os povos? como manter sua auctoridade, como proclamar *urbi et orbi* a infallibilidade de seus decretos?

Era, pois, de summa importancia para ella, o identificar-se com essa Igreja gloriosa, contra a qual «não prevalecerão as portas do inferno.»

Eis, pois, a idéa irronea que, para esse fim, inculcam a respeito da Igreja do Deus vivo, a qual é «columna e firmamento da verdade.»

A Igreja—é uma sociedade visivel e palpavel de homens, unidos pela profissão externa da religião e pela participação commum dos sacramentos, que, go-

vernada por linha ininterrompida dos successores dos Apostolos, tem atravessado os seculos, resistindo ao embate dos tempos. Tendo dado semelhante idéa da Igreja, argumentam os ultramontanos, mais ou menos, do seguinte modo:

Ora, nós somos a unica sociedade religiosa que tenha sobrenadado aos seculos, e manifestado sua presença de um modo visivel e palpavel em todos os periodos da historia; logo, ou as promessas de Christo falharam, ou nós somos aquella Igreja com quem Christo estará até á consummação dos seculos.

Nem uma, nem outra cousa, porém. Nem deixaram de cumprir-se as promessas do Salvador, nem á Igreja romana foram dirigidas essas promessas.

A demonstração d'isto é facil, e está toda na idéa exacta da Igreja christã.

A Igreja póde ser considerada sobre dous aspectos diferentes, segundo os dous pontos de vista d'onde é observada.

Esses dous pontos de vista são, para assim dizer, o Céu e a terra.

O homem vê a Igreja de Deus sómente nas manifestações exteriores d'esta, nos limites acanhados de sua curta observação, na contingencia ou fallibilidade de seu juizo. Deus, porém, sendo omniusciente, a vê directamente n'aquillo que a constitue verdadeira—na sua mesma essencia e extensão espirital.

No primeiro caso a Igreja chama-se—*visivel*, no segundo—*invisivel*. A Igreja visivel, pois, é a Igreja contemplada de um ponto de vista humano; e invisivel, a mesma Igreja observada de um ponto de vista divino.

A Igreja invisivel, a Igreja contemplada nos eternos conselhos do Eterno, é de sua mesma natureza imperecivel.

Ella é a Esposa immaculada do Cordeiro, e a ella compete o grandioso encargo de patentear aos Principados e Potestades do Céu a multiforme sabedoria de Deus. (.)

A Igreja visivel, porém, a Igreja vista pelo homem, constando de diversas congregações ou igrejas, não póde pretender a mesma infallibilidade, ou antes *imperecibilidade*, se nos permittem o termo, porisso que não póde ter certeza absoluta a respeito de qual das suas partes constitue parte integrante da Igreja invisivel.

(.) Ef., III, 10.

As igrejas de denominações particulares, de uma cidade, de uma nação, ou ainda de muitas nações, podem apartar-se da fé, perder as qualificações e, portanto, o direito da Igreja de Christo.

Isto é comprovado pela historia ecclesiastica, mas não sómente isto: é clara e positivamente affirmado pelas Escripturas.

Não cansaremos os leitores com muitas citações, basta-nos para o nosso fim, expôr algumas declarações terminantes de S. Paulo. E, cousa singular! essas declarações foram dirigidas á mesma igreja de Roma, que, vangloriando-se de uma arrogante infallibilidade, esquece-se da solemne admoestação do Apostolo:

—«Quem está em pé veja não caia.»

No capitulo XI da epistola aos romanos, compara S. Paulo a Igreja de Deus a uma oliveira, cujos ramos são constituídos pelas diversas igrejas particulares.

O ramo judaico pela sua incredulidade fôra cortado, e os zambujeiros gentílicos foram enxertados em «boa oliveira.»

«Tu pela fé, diz S. Paulo á igreja de Roma, estás firme, pois não te insoberbeças por isso, mas teme. Porque se Deus não perdoou aos ramos naturaes, deve temer que elle te não perdôe a ti.» (1)

Cremos que esta citação prova á saciedade, que Christo não prometteu infallibilidade a denominação alguma especial. «As portas dos infernos» prevaleceram contra a igreja judaica, e a igreja romana devia temer que lhe succedesse o mesmo.

Porém «as portas dos infernos» nunca prevalecerão contra a «Igreja dos primogenitos.»

Em vão contra essa Igreja um tanto invisível aos curtos olhos humanos, porém, patente ao Espirito de Deus, se teem levantado as furias infernaes!

Ella que não conhece barreiras no seu crescimento, nem limites na sua extensão espiritual, tem atravessado triumphante os seculos, e triumphante chegará á consummação d'elles.

Essa Igreja gloriosa, a quem foram dirigidas as promessas, não é limitada, nem por nacionalidades, nem por denominações especiaes: no seu vasto seio maternal ella abraça todos os filhos de Deus, sem distincção de judeu e de grego, de barbaro ou de scytha, de livre e de escravo.

Ella é a congregação dos sanctos, dos escolhidos, dos fieis, d'aquelles que, segundo a expressão apostolica, são levados pelo espirito de Deus.

Por vezes, é certo, as torrentes da impiedade ou da apostasia tem parecido submergir essa Igreja gloriosa. Porém, n'esses tempos calamitosos, em que a apostasia ou a impiedade parecia campear victoriosa por toda a parte, «lá onde existia a verdadeira fé, ali se achava a verdadeira Igreja.» «Senhor, bradava o propheta Elias no tempo do impio Achab, Senhor, mataram os teus prophetas, derribaram os teus altares, e eu fiquei sósinho e elles me procuram tirar a vida.» (2)

E no meio d'aquella apostasia geral e triumphante, responde o Senhor ao propheta, que julgava ter ficado só:

«Eu reservei para mim sete mil homens, que dobraram os joelhos diante de Baal.» (3)

É, pois ociosa senão capciosa a seguinte pergunta dos paladinos romanos:

—Onde estaveis vós antes de Lutero e Calvino? Ou ainda:—Se nós não somos a verdadeira Igreja, onde estava ella antes da Reforma?

Antes da Reforma, como em todos os tempos de geral apostasia ella estava nos sete mil que não tinham dobrado os joelhos diante de Baal, e que eram reservados pelo Senhor como columnas e testemunhas da verdade.

A Igreja a quem foram feitas as promessas não se chama romana, presbyteriana ou anglicana, que todos são nomes que trazem o cunho da estreiteza do homem.

O Senhor tem plenamente cumprido a sua promessa conservando entre todas as nações e denominações, em face dos seculos e das potencias inimigas, um povo escolhido, «seguidor de boas obras» ligado por um mesmo Espirito, chamado em uma mesma esperança, submittido a um mesmo Senhor, tendo uma mesma fé, um Deus e pae de todos, que é sobre todos, e governa todas as cousas. (1)

Se, pois, a igreja de Roma não pôde apropriar-se das promessas da Escriptura, como não o pôde nenhuma corporação religiosa *externa*; se, pelo contrario, segundo diz o Apostolo, ella deve temer o ser cortada, como o foi a igreja judaica, onde está o apoio de sua apregoada infallibilidade? Onde a base para sua autoridade cathedratica? Onde, por conseguinte, a força moral para a imposição de seus dogmas?

Nada d'isto existe: em Roma não tem alicerces. Esse immenso castello, na apparencia tão firme, foi edificado sobre areia movediça: ruirá logo ao sópro do Evangelho.

Rasgado, pois, o véo das mystificações, o romanismo se reduz a um phenomeno anachronico ou a um absurdo ecclesiastico.

Se a igreja romana não pôde, como ficou provado, constituir-se por si só igreja *catholica*, e assenhorear-se das promessas, poderá, ao menos, ser considerada como parte integrante da Igreja invisível a quem foram feitas essas promessas?

Em outra occasião discutiremos o assumpto.

E. CARLOS PEREIRA.

O Evangelho em França

Graças sejam dadas a Deus, que o espirito de exame se estende mais e mais, e que até em França tem havido conferencias publicas para tratar do Evangelho.

N'este paiz reconhece-se já que ha um Christianismo evangelico, e uma verdade a aprender acerca da Salvação por Christo, e isto fôra do systema vulgarmente conhecido por igreja romana.

Os nossos irmãos methodistas trabalham lá; o revd. W. Gibson estabeleceu logares de culto em S. Diniz, S. Ouen, Elbeuef, no Havre, e em Paris, no boulevard Capucines. E um nosso irmão promptamente se offerece para ir a Argenteul, no Seine-et-Oise.

No departamento de Oise, uma villa quasi inteira, convidou pastores para instruil-os no Evangelho, e, di-

(1) Rom. cap. XI, 20, 21.

(2) Rom. XI, 3.

(3) Idem XI, 4.

(1) Efesios, IV, 5 e 6,

versas outras villas visinhas estão dispostas a fazer o mesmo, motivado por escandalos praticados pelos respectivos sacerdotes.

Em Lyon, o trabalho a cargo do snr. M. de Watteville tem-se estendido até Ste. Etienne, grande cidade manufactureira, d'onde tem sido convidado para fazer conferencias.

Em Marselha, a obra evangelica tambem progride rapidamente.

Em addição ás quatro estações missionarias, no Boulevard National, Mompéte, Endoume e rua de la Darse, o snr. R. Saillens propoz abrir outra em la Joliette.

Além d'isso, este senhor tem duas classes biblicas, reuniões de creanças em numero de 540, reunião de senhoras e mais uma para italianos. Todo este trabalho é feito com muita economia, dependendo-se apenas 6:500\$000 por anno aproximadamente.

A população de Marselha é estimada em 350:000 habitantes.

As reuniões são compostas de individuos de diversas nacionalidades: mais de vinte.

Lyons tem augmentado com a emigração de muitos homens, mulheres e crianças, que de Roma vão procurar trabalho.

N'esta cidade (Lyons) é digno de nota, a religiosa attenção com que o povo assiste aos cultos em les Brotteaux, la Guillotiére e la Croix Rouge.

As reuniões são por demais concorridas aos domingos de tarde, e, é admiravel que ás vezes mesmo sob chuvas torrencias.

Esta cidade tem cerca de 350:000 habitantes.

Em Bordeaux as reuniões são por demais animadas; seu porto de muitas milhas ao longo do rio, tem muitos trabalhadores das docas, que assistem ás reuniões de Mc-All.

A população de Bordeaux é de 200:000 habitantes, aproximadamente.

A igreja baptista, além de suas estações ao sul de Paris, estendeu seus trabalhos até Charentan onde tem havido muitas conversões.

Esta cidade foi outr'ora o *rendez-vous* dos protestantes, quando seu culto foi proscripto em Paris, e tinha um immenso templo que comportava 10:000 pessoas, quando foi revogado o Edicto de Nantes.

O Senhor não se esquece d'ella, e derrama suas bênçãos sobre a prégação de seus servos.

São estes alguns dos *signaes* dos tempos em França.

Potente voz se faz ouvir, chamando-nos a ir e ensinar o caminho do Senhor.

Não será isto um appello solemne a todos os christãos para a realisação da completa obra de Christo?

O celibato

Para as almas, não sei se diga demasiadamente positivas, se demasiadamente grosseiras, o celibato do sacerdocio não passa de uma condição, de uma formula social applicada a certa classe d'individuos cuja existencia ella modifica vantajosamente por um lado e desfavoravelmente por outro.

A philosophia do celibato para os espiritos vulgares acaba aqui.

Aos olhos dos que avaliam as cousas e os homens só pela sua utilidade social, essa especie d'insulação

domestica do sacerdote, essa indirecta abjuração dos affectos mais puros e santos, os da familia, é condemnada por uns como contraria ao interesse das nações, como damnosa em moral e em politica, e defendida por outros como util e moral.

Deus me livre de debater materia tantas vezes disputada, tantas vezes exaurida pelos que sabem a sciencia do mundo e pelos que sabem a sciencia do céu! Eu, por minha parte, fraco argumentador, só tenho pensado no celibato á luz do sentimento e sob a influencia da impressão singular que desde verdes annos fez em mim a ideia da irremediavel solidão d'alma a que a igreja condemnou os seus ministros, especie de amputação espiritual, em que para o sacerdote morre a esperanza de completar a sua existencia na terra.

Supponde todos os contentamentos, todas as consolaciones que as imagens celestias e a crença viva podem gerar, e achareis que estas não supprem o triste vacuo da soledade do coração.

Dae ás paixões todo o ardor que poderdes, aos prazeres mil vezes mais intensidade, aos sentidos a maxima energia e convertei o mundo em paraíso, mas tirae d'elle a mulher, e o mundo será um ermo melancholico, os deleites serão apenas o preludio do tedio. Muitas vezes, na verdade, ella desce, arrastada por nós, ao charco immundo da extrema depravação moral; muitissimas mais, porem, nos salva de nós mesmos e, pelo affecto e entusiasmo, nos impelle a quanto ha bom e generoso.....

Mas, se isto assim é, ao sacerdote não foi dado comprehendel-o: não lhe foi dado julgal-o pelos mil factos que nol-o tem dito a nós os que não juramos junto do altar repellar metade da nossa alma, quando a Providencia nol-a fizesse encontrar na vida.

Ao sacerdote cumpre aceitar esta por verdadeiro desterro; para elle o mundo deve passar desconsolidado e triste, como se nos apresenta ao despovoarmol-o d'aquellas por quem e para quem vivemos.

A historia das agonias intimas geradas pela lucha d'esta situação excepcional do clero com as tendencias naturaes do homem seria bem dolorosa e variada, se as phases da coração tivessem os seus annos como os tem as gerações e os povos.

A obra da logica potente da imaginação que cria o romance seria bem grosseira e fria comparada com a terrivel realidade historica de uma alma devotada pela solidão do sacerdocio.

Essa chronica de amarguras procurei-a já pelos mosteiros quando elles desabavam no meio das nossas transformações politicas. Era um buscar insensato.

Nem nos codices illuminados da idade media, nem nos pallidos pergaminhos dos archivados monasticos estava ella.

Debaixo das lageas que cobriam os sepulchros claustraes havia, por certo, muitos que o sabiam; mas as sepulturas dos monges achei-as mudas.

Alguns fragmentos avulsos que nas minhas indagações encontrei eram apenas phrases soltas e obscuras da historia que eu buscava de balde; de balde, porque á pobre victima, quer voluntaria, quer forçada ao sacrificio, não era licito o gémer, nem dizer aos vindouros: —«sabei quanto eu padeci!»

E, por isso mesmo que sobre ella pesava o mysterio, a imaginação vinha ahí para supprir a historia.....

ALEXANDRE HERCULANO.

HISTORIA

DO

SR. FELICIANO ESPERANÇA DA GLORIA

NEGOCIANTE DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

Na sexta-feira Maior, porém, foi á igreja do Santo Sepulchro. As Portas ainda não estavam abertas; o largo que fica em frente á igreja estava cheio de povo, assim como as ruas proximas; era tocante ver ali indios e abyssinios, persas e francezes arabes e russos, italianos e gregos, portuguezes e hespanhoes, homens de quasi todas as nações e diversidades de crença christã, esperando reunidos para venerar o Crucificado n'aquelle anniversario da sua morte.

O Sr. Esperança viêra do convento com um frade, e com algum sentimento viu do côro da igreja a multidão: mas quando se abriram as portas e presenciou a violencia, gritaria e loucura que prevaleceram e viu que havia na igreja do Sepulchro e na sexta-feira Maior soldados mouros para conservar a ordem entre os partidos christãos, sorriu-se com escarneo e retirou-se.

V

O NEGOCIANTE NO HORTO DE GETHSEMANE

Os judeus com quem o snr. Esperança conversára em Jerusalem eram homens de intelligencia e illustração, que tinham estado por muitos annos nas capitães da Europa; os assumptos de que haviam fallado eram, além de muitos outros, a antiguidade e autoridade das escripturas hebraicas, pois o snr. Esperança quiz indagar aquelles pontos, aproveitando tão boa occasião. Não tinham tocado nos costumes dos judeus modernos, que invertem a lei de Moysés e se oppõem aos preceitos de Deus, e por isso o snr. Esperança depois de ser convencido que o Testamento velho é de Deus julgou que entre os judeus poderia achar pessoas que viviam segundo as leis do Creador.

Apezar de desprezar o christianismo, visitava todos os lugares que os christãos chamavam santos e gostou muito do jardim de Gethsémane.

Sahindo pela porta oriental (a de S. Estevão) e descendo por uma vereda cerca de 400 passos ao fundo do valle de Josaphat, chega-se ao horto onde Jesus soffreu tantas agonias na vespera de sua morte e onde foi preso pelos que acompanharam Judas, o traidor.

Ali existem ainda 8 oliveiras, tão velhas que se pôde sem escrupulo crer terem nascido no tempo de Jesus. Agora está o horto cercado por um muro, mas quando o snr. Esperança ahi esteve não o havia e muitas vezes descaçára á sombra das oliveiras, ora lendo os escriptos dos prophetas, ora meditando nas palavras do Altissimo, ora traçando com lapis as vistas dos arredores, julgando que muito prazer daria aos seus amigos mostrando-lhas quando voltasse ao Brazil.

Em uma tarde, no fim de abril, estava sentado no tronco de uma das oliveiras, e pensava na historia do rei David, no ponto que diz (2.º livro dos reis, capitulo xv. verso 30) que elle subiu o monte das oliveiras, fugindo do seu filho usurpador. Pouco antes lêra

as prophcias no livro de Isaias (capitulo ix. e xi.) a respeito do filho de David, que ha de sentar-se para sempre no throno de seu pae e occupal-o eternamente com a razão e justiça.

Então, olhando para as torres e muralhas arruinadas de Jerusalem desolada, disse:

—«Como poder lá ser?» Pouco depois e quasi como em resposta ouviu uma voz firme e solemne dizendo:

—Sim, é verdade. O promettestes, ó meu Deus, e o cumpriste.

Ficou admirado, porque julgara-se só n'aquelle solitario logar: mas, voltando-se para o ponto d'onde lhe parecera ter partido a voz, viu debaixo de outra oliveira Neandro, que já por vezes encontrara em casa do snr. C. — Elle viera passeiando até ao horto, e se sentára a meditar julgando tambem que estava só. Sua fronte, larga e alta, demonstrava sua vasta intelligencia; seus olhos, grandes, pretos e fogosos, estavam razos de lagrimas e fitos no céu, indicando as suas feições uma resolução determinada:

—É verdade, repetiu ainda com maior firmesa, é verdade.

E continuou com ternura:

—Sim, meu pae do céu, tudo é certo; não posso mais duvidar.

O snr. Esperança da Gloria levantou-se, e voltando-se para o snr. Neandro complimentou-o respeitosa-mente. Este respondeu-lhe com igual cortezia, e depois de conversarem um pouco, sentaram-se perto do logar onde Jesus suou sangue e passou as terriveis horas de agonia na vespera de sua paixão.

VI

O NEGOCIANTE COM O JUDEU NO HORTO DE GETHSEMANE

—Admira-me, disse o snr. Esperança, encontrar aqui um judeu. Julgava que os sentimentos hebraicos para com o Nazareno vos prohibiam de gostar d'este jardim.

—Senhor, respondeu Neandro, muitos julgam vergonhoso ser judeu; mas para mim é grande honra ter nascido da familia de Abrahão, o amigo de Deus. Sim, maior é a gloria de ser um pobre judeu do que um principe da primeira familia real do mundo. Tenho, porém, uma honra ainda maior do que ser filho de Abrahão: sou christão. Sim, sei que aquelle que n'este jardim soffreu tormentos tão crueis é o Messias, o Salvador; está escripto por um dos seus mensageiros que «aquelle que crê que Jesus é o Messias é nascido de Deus.» D'isto me glorio; e gosto d'este jardim, porque sei que aqui Jesus agonizou por mim, um desgraçado peccador.

—Ainda mais me admira, disse o snr. Esperança, que vós, um homem intelligente, acostumado a tratar de negocios importantes e a livrar-vos dos enganos que se encontram em todas as praças, que não podeis ignorar o caracter do clero christão, e sobretudo que sois judeu, acrediteis em uma religião em que tudo se faz por dinheiro.

—E eu me admiro, disse Neandro, de que vós, nascido de paes christãos, acrediteis na religião de Moysés e não na de Jesus.

—Senhor, disse Esperança, sei que os vossos rabbinos são sinceros; conheço alguns d'elles, homens ricos, que podiam gozar de todos os prazeres de Vien-

na, Paris ou Londres, que vêm para esta pobre cidade, no cume dos montes, e moram no meio d'esta pobreza, expostos aos insultos dos mouros, em ruas tão sujas e doentias, sem ganhar por isso sequer um vinthem. Quando isto vi, fiquei convencido da sua sinceridade: ouvi as provas que offerecem da verdade de sua crença, e por ellas fiquei convencido de que os livros de Moysés, David, Salomão e outros prophetas foram escriptos por ordem de Deus e sob o seu preceito. Nós christãos, porém, vejo tanta má fé que com elles não posso sympathisar; parece-me ser necessario estar louco para poder confiar nas suas palavras.

—Estais certo de que tendes razão? perguntou Neandro.

Sim, sem duvida, respondeu Esperança. Bem sabeis que quando qualquer homem é conhecido por ladrão, mentiroso ou intrigante os homens de bem não querem com elle tratar, não teem confiança em sua palavra, não querem deixar cousa alguma em seu poder. Ora, posso provar que os christãos são enganadores ou monstros de crueldade.

Neandro perguntou-lhe como poderia provar tamanha accusação contra tantas e tão respeitaveis pessoas. Esperança respondeu que não havia nada mais facil.

—Olhai, tornou elle, dizem que ha um purgatorio e que n'elle as almas soffrem penas as mais horribes; dizem até que permanecem em um fogo abrasador. Dizem mais que por meio das missas e orações, que não lhes dão grande incommodo, podem livrar os desgraçados, e no entanto por elles não as dizem e porque? Porque querem que os parentes lhes deem dinheiro! Ora, ou elles teem esse poder, ou não o teem. Se teem e deixam a uns soffrer tantos horrores porque outros não lhes dão dinheiro, são perverso; se não o teem e recebem dinheiro para uma cousa que não podem fazer, são enganadores, e eu trato-os como trataria a qualquer negociante do mesmo caracter. Não quero ter relações com elles.

(Continua.)

Noticiario

Lisboa

O bispo Riley, da igreja reformada do Mexico, acaba de fazer uma curta visita áquella cidade. É o chefe d'uma grande obra evangelica no Mexico, protegida pelo governo.

Tiveram logar ultimamente duas ordenações. A primeira foi a do nosso antigo amigo o snr. Candido José de Sousa, o qual recebeu ordens de diacono no domingo 7 de março, e de presbytero no dia seguinte.

N'estes actos foi auxiliado o bispo Riley pelos presbyteros Pope, Chaves, Costa e Kingston.

Na quarta-feira 17 do mesmo mez, foi ordenado presbytero na igreja presbyteriana o snr. Manoel Antonio de Menezes, o qual ha um anno tem sido ministro da congregação do antigo convento dos Mariannos. Tomaram parte n'este acto os presbyteros Stewart, Allan, Wernicke (da igreja lutherana) e Moreton (da methodista do Porto).

A ambos estes irmãos desejamos longos annos de prosperidade na posição em que Deus os collocou, po-

dendo pela sua graça chamar muitas ovelhas ao redil de Jesus.

Tiveram logar ao mesmo tempo e no mesmo convento, diversas reuniões dos marinheiros e soldados crentes da esquadra ingleza. As conversões, com especialidade a bordo do *Achilles*, são frequentes, e ha esperanças de haverem muitas mais.

Russia

A magnifica igreja do Salvador, em Moscow, edificada como memoria da invasão de Napoleão 1.º e como signal de gratidão nacional pelo resultado, vae ser inaugurada no dia 7 de Setembro, anniversario da sagração de Czar. Principiou a construcção em 1833, e custou a bagatella de reis 3,500,000\$000!

Educação Religiosa

No discurso proferido em março, pelo duque d'Andiffret Pasquier, na occasião da sua admissão na Academia Franceza ocorre o seguinte trecho, que é um ataque indirecto á clausula 7 da lei Ferry, e mereceu os applausos dos ouvintes.

Condemnando a theoria de Rousseau, que propunha a educação das crianças como se não tivessem nem amigos, nem familia nem patria, e em completa ignorancia de Deus, disse o duque: «A educação é uma obra de authoridade e respeito. A ideia de Deus não lhe póde ser separada, pois é a fonte de toda a authoridade, e o christianismo, segundo o magnifico dizer de M. Guizot, é a melhor eschola do respeito que o mundo jámais conheceu. É só a educação religiosa que produz o espirito de abnegação, as grandes virtudes e os pensamentos elevado: só ella que penetra a consciencia, e torna a vida toleravel e sem queixa contra o mysterio da condição humana. Para as nações como para os homens a educação moral constitue a sua força e a sua grandeza. Entre os romanos, no tempo da republica, o ensino era fraco, as crenças fortes, e a moral austera. Conquistaram o mundo, e deixaram nos povos vencidos uma impressão que seculos não tem podido destruir. E não foi pela inspiração da sua fé religiosa que a França da idade media operou as grandes obras consignadas nos nossos gloriosos annos?»

Belgica

Diz o pastor Ridoux, n'uma correspondencia enviada ao *Chrétien Belge*, que o enterro de protestantes na Belgica é geralmente a occasião de pregação ao ar livre, que dá bons resultados, e que n'outras circumstancias não seria permittida pelas authoridades.

O clero romano tem tentado impedil-a, mas apesar de ter empregado todos os meios ao seu alcance, não o tem feito.

No primeiro enterro que teve logar em Court St. Etienne, assistiram o presidente da camara municipal e os vereadores, com os competentes policias.

Boa resposta

Um clerigo allemão, fazendo uma viagem parou n'uma estalagem muito frequentada por uns indivi-

duos extremamente dados aos grecejos. Sentado elle á meza redonda, depois dos primeiros momentos de admiração ao vel-o allí, principiaram a dirigir-lhe toda a qualidade de chalaças.

Jantou o clérigo com perfeita serenidade, não parecendo ouvir o que se dizia a seu respeito, até que um dos convivas perdendo a paciencia, disse: «Admiro-me de que o snr. se conserve tão socegado! Não tem ouvido tudo o que lhe téem dito?» «Ouvi, sim se nhor; mas estou affeito a tudo isso. Não sabe o que eu sou?» «Não sei.» «Pois eu lhe direi. Sou capellão d'um asylo de alienados. E esta qualidade de observações não me fazem impressão alguma.»

Fructos da confissão auricular

Diz a *Gaceta de Catalunha* :

Escrevem de Tarrega que no dia 6 do proximo passado passou por aquella villa em direcção a um dos hospícios d'esta cidade, uma joven allienada, de 16 annos de idade. Segundo referem seus paes que a acompanhavam, ella foi ás missões de Tremo e confessou-se a um dos missionarios que lhe negou a absolvição. Chegou a pobre moça a casa de seus paes, banhada em pranto, e tanto a impressionou o que lhe disse o seu confessor, que a infeliz perdeu a razão.

Sob a epigrapha *Fuga d'um padre*, lê-se o seguinte no *Echo do Rio Grande do Sul*:

«O cura de uma das parochias do norte de Buenos Ayres desapareceu desde o dia 17 de Janeiro, em companhia de uma de suas discipulas de confissão.

«O padre era italiano, de 30 annos de idade, e ha dous annos que viera da Italia.

«A fugitiva era viuva, de 28 annos, quiz ser monja, desistindo dessa intenção desde que conheceu o padre H. . .

«Entre ambos levaram uma somma de 18,000 pesos fortes.

«Merece ser canonizado este santo varão!»

Os Jesuitas

Lê-se no *Graduador*, de Alicante :

Os jesuitas invadiram esta provincia, assentando os seus arraiaes em Alcoy, Cocentaina, Jávea e Orihuela.

Ultimamente, n'um sermão que prégaram na aldea de Aspe, advertiram o povo de que n'esse mesmo dia tinham recebido dois telegrammas, um do ceu e outro do inferno. O do ceu participava-lhes que entrariam n'elle todas as pessoas que se confessassem e ouvissem a verdade que sae dos labios dos filhos de Loyola; o do inferno era expedido pelos peccadores que, na sua passagem pela terra tinham desattendido os conselhos dos filhos da companhia de Jesus, padecendo por este peccado os mais severos castigos.

Por este motivo os missionarios recommendavam a todas as pessoas a fé mais completa, para não serem tratados como os expedidores do telegramma do inferno.

Bem dizia ha poucos dias a *Italia* que os jesuitas estão condemnados a acabar perante o progresso, morrendo de inanimação. A hora do seu passamento póde,

porém, antecipar-se muito se, como os que prégaram em Aspe, presistirem em conservar-se no campo da baboseira.

COMMUNICADO

Aos Christãos Evangelicos, nossos irmãos

Se nós tivéssemos um templo! . . .

Estas palavras, tão a meudo proferidas entre nós, traduzem uma grande aspiração e uma grande necessidade.

Um templo, sim; pois estamos convencidos de que a falta d'elle tem sido a causa — talvez a principal, — do acanhado crescimento nas conversões do Evangelho, durante mais de treze annos de trabalho.

É certo que outros e grandes inimigos combatem a nossa missão: basta este circulo *romano*, que nos assedia religiosa e politicamente, no meio do qual somos considerados uns pobres párias, a que se dá, como a mendigo importuno, a forçada esmola de uma tolerancia vergonhosa.

Só isto bastaria a embarçar-nos; no entretanto, e apesar de todos os obstaculos, que se levantam no nosso caminho, a cada passo, que pretendemos adiantar, havemo-nos sustentado e contamos não succumbir. Esperamos sem impaciencia que o testamento divino, onde todos tem legado equal, seja cumprido.

Quando a justiça se fizer, havemos de ter parte na herança tambem; havemos de entrar por cabeça na partilha de todos os bens, entre os quaes avulta essa preciosissima liberdade, que o Divino testador nos conseguiu á custa de muito trabalho, de grandes fadigas e de muitissimas amarguras; foi por ella que Elle deu todo o seu sangue, foi por ella que Elle morreu.

Em que pese aos nossos espoliadores, a justiça distributiva hade vir e com ella a nossa quota parte. E o monopolio hade acabar e o circulo oppressor hade romper-se.

Ser-nos-ha precisa até lá muita constancia e muita paciencia, mas nós saberemos resistir e esperar; sem descurarmos a nossa defeza, fazendó bem conhecida a nossa justiça.

—Fazer bem conhecida a nossa justiça. . . Mas como? . . . e aonde? . . .

Oh! Se nós tivéssemos um templo! . . .

Deixae que mais uma vez se espanda a nossa alma n'este lamento, que é tambem uma oração e uma esperanza.

Um templo, sim, um templo, uma casa para Deus; onde Elle se busque e se exore, onde se Lhe dê um culto relativamente condigno, e onde se aprenda a conhecê-lo, dentro dos limites do nosso espirito: templo e escola, onde com a fé se receba tambem lição de bons costumes; onde a devoção encontre incitamento; onde tudo convide ao recolhimento e á prece; onde esse enlevo magnético das almas, que as põe em communicação directa com Deus, se aposse de nós. Casa que convide, que chame, que receba o pobre, o rico, todos.

E não necessita de riqueza, que deslumbre, basta-lhe o modesto aceio, e esse conforto suave, esse gra-

to bem estar, que prende, e que só com pena se deixa.

As nossas casas d'oração tudo isto falta; quasi todos vós, a quem especialmente nos dirigimos, conheceis a capacidade, ou antes a incapacidade d'ellas. Pois bem: se, como nós, julgardes que esta falta é um grande estorvo aos progressos da propaganda evangelica; se estiverdes, como nós, convencidos da impreterivel necessidade de, ao fausto deslumbrante dos nossos adversarios, oppormos uma mediania modesta, mas conveniente e digna, ante a qual nem o humilde se avexe, nem o grande se degrade: se, no vosso entender, a propaganda evangelica, sem outros meios alem d'aquelles de que dispõe, tem forçosamente d'estacionar, o que equivale a morrer; se tão ardentemente, como nós, desejaes os seus progressos, e se um templo, nas condições expostas, pode ajudar nosso empenho, subscrevei com nosco para a sua edificação.

A junta d'esta Igreja Evangelica Hespanhola, em sessão de 1 de fevereiro corrente, deliberou nomear, como effectivamente nomeou, uma commissão composta dos abaixo assignados, para que, por todos os meios ao seu alcance, promova donativos para a construção ou compra d'este desejado templo; encargo que a alludida commissão acceitou e a cujo desempenho dá principio, fazendo sua esta exposição e appellando d'este aqui para seus irmãos em Jesus Christo, qualquer que seja a communhão ou escola evangelica, a que pertençam, de cujo zelo confia o bom resultado do seu emprehendimento, e de Deus, ao qual praza conceder aos seus servos tamanha ventura. Que o templo se levante e que os nossos olhos o vejam a trasbordar de crentes. Depois, com o coração cheio de reconhecimento e d'amor, poderemos exclamar como o velho Semeão: *Agora Senhor manda em paz os teus servos, pois já nossos olhos viram a tua salvação.*

Lisboa, março de 1880.

Presidente

Rev.º Henrique Ribeiro Ferreira d'Albuquerque.

Thesoureiro

Daniel de Mattos Sequeira.

Secretario

Augusto Carlos Villas.

Vogaes

*Roberto White,
Manoel Alves da Costa,
Domíngos Gonçalves Carvalhido,
Antonio Dias Gonçalves,
Domíngos Escudeiro,
Antonio Luiz Barbosa.*

N. B. — A commissão, sem que a somma das quantias promettidas préfaçam o total de 500\$000 reis, não manda cobrar nenhum.

Qualquer donativa pode ser entregue aqui ao ministro da egreja evangelica methodista, o rev.º Moreton, pois que elle se encarrega de o enviar ás mãos do thesoureiro, o snr. Daniel de Mattos Sequeira.

ASSOCIAÇÃO

CARIDADE EVANGELICA

SÉDE NO PORTO

— BALANCETE TRIMENSAL —

RESUMO DA RECEITA E DESPEZA CORRESPONDENTE AO TRIMESTRE FINDO FM 28 DE FEVEREIRO.

RECEITA

Saldo do trimestre passado.	67\$060
Para o fundo permanente:—	
Jóias recebidas durante o trimestre.....	2\$240
Donativos offertados.....	63\$230
Para o fundo disponível:—	
Quotas semanaes.....	28\$820
	94\$290
Reis.....	<u>161\$350</u>

DESPEZA

Encadernação de um livro...	\$500
Um frasco de tinta.....	\$060
	<u>\$560</u>
Saldo que fica em cofre de:—	
Fundo permanente.....	90\$630
Fundo disponível.....	70\$160
Reis.....	<u>160\$790</u>

Approvado por Assemblêa Geral de 10 de março de 1880, e oitenta.

PRESIDENTE — Carlos Paniagua Sanchez.

1.º SECRETARIO — José Alberto S. de Carvalho.

2.º SECRETARIO — José Maria Vianna Quintella.

N. B. — Como o fim principal d'esta Associação Evangelica é estabelecer um hospital privativo, onde possamos curar das enfermidades dos nossos irmãos, para cuja fundação procuramos accumular o fundo permanente acima mencionado, e como não contamos para esta importante obra mais que com a benção de Deus e o auxilio espontaneo dos nossos amados irmãos em Christo, desde já vos pomos de sobre aviso, para que estudeis a importancia d'esta nossa missão, afim de que quando vos enviarmos uma circular — e que será em breve — não hisiteis em subscrever com o vosso obolo,

Isto vos pede e agradece o que fizerdes.

A Direcção.

Porto, Secretaria da Associação, no Largo do Coronel Pacheco—Capella Evangelica, aos 25 de março de 1880 e oitenta.

OFFICIOS DIVINOS

PORTO—Largo do Coronel Pacheco—Todos os domingos às 10 horas da manhã e 6 1/2 da tarde. Todas as quinta-feiras às 7 horas da noite. Aula biblica nos domingos às 9 horas da manhã.

VILLA NOVA DE GAYA—Logar do Torne, ao pé do tunel—Todos os domingos às 9 horas da manhã e 3 1/2 da tarde. Todas as terças-feiras ao anoitecer.

LISBOA—Egreja presbyteriana, rua das Janellas Verdes n.º 2, ministro o Rev.º Roberto Stewart.—Todos os domingos às 11 1/2 da manhã e 6 1/2 da tarde. Todas as quartas-feiras oração, às 8 horas da noite. Todos os sabbados à mesma hora, aula biblica.

No mesmo edificio, Egreja Presbyteriana Portuguesa, o Rev.º Manoel Antonio de Menezes.—Culto e pregação do Evangelho todos os domingos às 9 1/2 horas da manhã e 4 da tarde e todas as quintas-feiras às 7 horas da noite.

Aula biblica todos os domingos às 3 horas da tarde. Oração todos os sabbados às 7 horas da noite. Escola dominical todos os domingos às 10 horas da manhã.

Na calçada do Cascão, 5, 2.º, todos os domingos às 11 1/2 da manhã e 6 1/2 da tarde, e todas as quartas-feiras às 7 da tarde. Aula biblica todos os domingos às 10 manhã.

Egreja Evangelica, rua da Conceição à Praça das Flores. Todos os domingos às 11 1/2 horas da manhã e 6 1/2 da tarde, e todas as quintas-feiras à mesma hora.

Eschola dominical às 10 horas da manhã.

Egreja Evangelica Episcopal Portuguesa, rua de S. Marçal. Todos os domingos às 11 horas da manhã e 7 1/2 da tarde, e todas as quartas-feiras às 7 1/2 da tarde.

O menino da matta, 32 pag.—30 reis.

Jessica, 43 pag.—40 reis.

O Padre Jacintho, 16 pag.—10 reis.

A doutrina da Egreja de Roma e a doutrina da Biblia, 120 pag.—50 reis.

Biographia de Martin Boos, 188 pag.—80 reis.

Sou cristão? como o posso saber? 92 pag.—60 reis.

O que é um sacramento? 44 pag.—30 reis.

O culto domestico, 48 pag.—20 reis.

Um homem que abalou o mundo, 80 pag.—15 reis.

Luz do Céu, 126 pag.—60 reis.

O que crêem os protestantes, 24 pag.—15 reis.

Como lêes tu? 40 pag.—30 reis.

O culto publico.—O domingo, 20 pag.—20 reis.

O vigario de Christo.—O Calvario, 22 pag.—20 reis.

A Chamada.—A folha ensanguentada, 24 pag.—20 reis.

Exposição de Factos (na ilha da Madeira), 31 pag.—20 reis.

Um livro maravilhoso, 12 pag.—10 reis.

O amor de Deus, 8 pag.—10 reis,

Os dois Guilhermes, 29 pag.—20 reis.

Trinta livrinhos, cada um, 7 pag.—5 reis.

Caminho de Deus para a paz, 150 pag.—50 reis.

«O Amigo da Infancia», sae cada mez; por numero, 10 reis, (com lindas gravuras) e em volumes encadernados dos dois ultimos annos a 300 reis cada um.

Um sortimento de livros em inglez, a varios preços.

Pacotes de cartões illuminados e com textos da Biblia, a varios preços.

Do valor de 100 reis para cima, expedem-se estas publicações franco de porte.

ANNUNCIOS

DEPOSITOS DE TRATADOS E LIVROS

DEPOSITO, JANELLAS VERDES N.º 4

OBRAS PUBLICADAS

Lucilia ou a inspiração das escripturas, 324 pag.—100 reis.

Preservativo contra Roma, 128 pag.—50 reis.

A Joven Aldeana, 43 pag.—40 reis.

Reflexões sobre a Virgem Maria, 30 pag.—20 reis.

Não se deve mudar de religião, 16 pag.—10 reis.

Erric, o criado russo, 16 pag.—10 reis.

O amigo da casa, 32 pag.—20 reis.

O amigo dos peccadores, 48 pag.—40 reis.

O livro dos livros, 56 pag.—40 reis.

Um homem que matava os seus vizinhos, 23 pag.—30 reis.

Uma antigualha, 16 pag.—20 reis.

André Dunn, 77 pag.—40 reis.

Hymnos portuguezes, (1 vol. encadernado), 215 pag.—40 e 50 reis.

Devocionarios, 30 pag.—20 reis.

Evidencias do Christianismo, 76 pag.—50 reis.

Como devemos entender a Biblia Sagrada, 15 pag.—10 reis.

REFORMA

(FOLHA QUINZENAL)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

LARGO DO CORONEL PACHECO

CAPELLA EVANGELICA

PORTO

Publica-se na primeira e terceira quinta-feira de cada mez.

Custo d'assignatura—(paga adiantada) Anno 240, semestre 120 reis: para as provincias accresce o porte do correio.

N'esta redacção vendem-se collecções completas da «Reforma» do 1.º e 2.º anno: para a cidade custa uma 240 reis, e para as provincias 250.

São agentes da REFORMA em Lisboa os Ill.ºs snrs. Manoel dos Santos Carvalho, calçada do Cascão, 5, 2.º —José Gregorio Bandouin—rua do Sacramento à Pampulha, 42 2.º—Alexandre José Alves, rua de S. Bernardo, 23, loja de mercearia.

EDITOR RESPONSÁVEL—G. P. DIAS DA CUNHA

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

66—Rua da Fabrica—66